

Plataforma do Conselho de Escolas de Trabalhadores

Rio de Janeiro, setembro de 1995.

Sumário

1. O momento atual
2. Educação para cidadãos trabalhadores
3. O papel da tecnologia nas Escolas de Trabalhadores
4. Caracterização da formação política
5. Áreas de Conhecimento necessárias para cidadãos trabalhadores atuantes
6. A questão pedagógica
7. A sustentação das Escolas de Trabalhadores
8. As Escolas de Trabalhadores como Fermento de Mudança Social

Anexo: Centro Público de Educação de Cidadãos Trabalhadores

1. O momento atual

A sociedade, nos dias atuais, passa por um processo de mudanças cujos resultados são ainda pouco previsíveis, desenhando-se, para este final de século, um cenário de difícil travessia.

O trabalho no mundo capitalista - mundo no qual uma minoria detém o monopólio do controle sobre técnicas e máquinas, conhecimentos e comandos, obrigações e contratos – sofre um processo de reestruturação de alto risco. Tecnologização, competitividade internacional, qualidade total, minimização do estado e maximização da iniciativa privada são características básicas desse processo.

Os resultados são conhecidos: diminuição de postos de trabalho, cooptação dos trabalhadores remanescentes e aumento dos ritmos e produtividade, flexibilização dos investimentos e ampliação de setor chamado terciário, terceirização da produção e fomento da pequena produção funcional a ela, desmantelamento dos serviços públicos operados pelo estado, desregulamentação dos direitos sociais, esvaziamento dos sindicatos, enfim, o crescimento da exclusão social.

A construção de uma sociedade mais democrática está comprometida. Direitos Sociais foram conquistados e os movimentos populares avançaram enquanto exercício de Governo e criação de mecanismos para um mínimo controle sobre o estado. O capital responde com sua proposta de estado mínimo, desmantelando-o até mesmo em suas funções clássicas:

segurança, saúde e educação. Mas mantendo-o. Afinal, o estado, criado pelo capitalismo, é que garante a este sua base legal.

A construção da democracia encontra-se ameaçada. Por cima, pelos poderes supra-estatais do capital internalizado. Por baixo, pela exclusão social, pela desconstrução das salvaguardas dos direitos mínimos dos cidadãos, pela desinformação promovida pelo monopólio das informações e das comunicações sociais.

No Brasil, a população até hoje não conheceu o que significa ser cidadão. Apenas as lutas sociais apontaram suas baterias nessa direção, dando alguns passos afirmativos, e o golpe desceu sutilmente implacável, vestindo-se de modernidade. Os novos sujeitos sociais são desqualificados, impondo-se o seu retorno à massa de indivíduos privados. Esta que deve ser movida apenas pelo interesse individual utilitarista, posto agora como o único capaz de gerar o desenvolvimento e a riqueza das nações.

A educação pública, sempre dita como prioridade para o futuro, vem sendo sistematicamente corroída pela deterioração dos salários, sucateamento das instalações, inadequação à realidade atual e evasão de mestres e alunos. Hoje faltam, até mesmo, candidatos à carreira de professor. Apesar disso, é inegável que as lutas pela cidadania penetraram em nossas escolas públicas, por pressão dos movimentos sociais. No entanto, o mundo do trabalho permaneceu distante delas. Como se este fosse um mundo do reino privado e não o fundamento da cidadania. Sem trabalho não existiriam cidades.

Há décadas, os empresários privados vêm administrando como bem entendem os recursos públicos para formação profissional. Até mesmo o movimento sindical custou – e ainda como um todo não chegou lá – a perceber que esse é um trabalho chave para a educação dos cidadãos trabalhadores. Quanto a isso, honra seja feita à Central Única dos Trabalhadores que firmou sua posição a respeito, em seu 5º CONCURTO, e cada vez mais, desde então, vem se empenhando nessa luta.

Hoje, a proposta empresarial para a formação profissional é a de atender à sua demanda: formar seletivamente um reduzido número de quadros com a marca da competitividade. Fala-se até em cidadania, mas como um conceito formal, alheio ao modelo de exclusão social que a competitividade individualista promove.

Os excluídos são lançados, novo exército industrial de reserva, como celeiro para o recrutamento de braços à indústria do crime e da contravenção, essa outra fonte fértil da atual acumulação do capital, ou à informalidade da sonegação de todos os direitos do cidadão.

2. Educação para cidadãos trabalhadores

Cidadãos são os habitantes a uma só vez construtores/governantes/ beneficiários de cada Cidade Humana. Não cidade como oposta ao mundo rural. Mas Cidade como a matriz concreta de uma Cultura que está em permanente construção, reposição – recriação. Como matriz e meio ambiente social de cada modo humano de vida, de cada forma do Bem Viver de homens e mulheres.

A educação dos cidadãos é o processo pelo qual as novas gerações passam a compartilhar das técnicas, conhecimentos, relações e valores que lhes permitem participar da vida social de sua cultura, sociedade, cidade.

O Trabalho é a característica fundamental da Cidade. Pois as cidades são construídas a partir do trabalho constante e ininterrupto das longas cadeias de gerações de mulheres e homens. A participação no Trabalho, entendido como ação criativa, construtiva, mantenedora e transformadora de todas as dimensões da Cultura humana, é a condição básica ao exercício da cidadania: pois o trabalho é que cria os modos e as condições do bem viver – a cultura – de cada cidade.

O Trabalho constrói conhecimentos. E, cada vez mais, esses conhecimentos são condição para o exercício do próprio trabalho. Conhecimentos e informações sobre todos os âmbitos das atividades humanas são fundamentais, pois, para a participação dos cidadãos nos exercícios do Trabalho e do Governo sobre suas Cidades.

Assim, a garantia de um exercício pleno da cidadania exige que todos os cidadãos tenham acesso a uma educação que lhes possibilite:

- a participação no trabalho social de reposição, recriação e reconstrução permanente das condições do BEM VIVER na Cidade;
- a participação nas informações e conhecimentos necessários ao exercício desse trabalho e também a
- participação, com conhecimento de causa, nos debates e decisões de Governo sobre a Cidade.

Portanto, não apenas uma educação voltada para a aquisição de conhecimentos e, menos ainda, conhecimentos cortados, deficientes/autosuficientes ou subalternos/prepotentes. Mas uma educação capaz de constituir o processo de *tornar-se cidadão*; isto é, um processo voltado à formação de *sujeitos sociais* participantes do exercício e usufruto do trabalho, da geração e uso dos conhecimentos, e do exercício da responsabilidade de Governo sobre a sua cidade.

Essa é a base da proposta de *Educação para Cidadãos Trabalhadores* assumida pelas escolas operárias e sindicais que compõem o Conselho das Escolas de Trabalhadores.

Esta proposta se põe radicalmente contra qualquer proposta de educação discriminatória e reforçadora dos mecanismos, os antigos e os mais novos, de exclusão social. Especialmente aquelas que, à luz de valores invertidos, dividem o pensamento da ação, o comando da execução, a política da técnica.

Conforme esta proposta, a técnica não é neutra e a política não é privilégio.

A moderna tecnologia não é um conjunto de artifícios e procedimentos neutros que pode servir a qualquer fim social. Pelo contrário, ela foi e continua sendo gerada por relações sociais determinadas, reproduzindo assim um ordenamento social compatível com tais relações. Encaminham, portanto, sem precisar sequer de explicitação, uma determinada visão de mundo e uma estratégia política correspondente, inscrita em suas próprias exigências de materiais, lógicas e relações.

É, portanto, fundamental que os cidadãos trabalhadores, até aqui dominados por esse poderio que lhes é exterior, possam se apropriar criticamente de seus princípios e métodos a fim de reinventá-los e reorientá-los em benefício das condições de vida sobre a Terra, da democratização das cidades e da expansão de cada sujeito social.

O exercício da política não se reduz ao exercício do voto para que alguns poucos representantes ocupem temporariamente os locais aparentes do poder. Instrumentos montados pela construção do capital, os estados modernos garantem a legalidade dessa construção ao se mostrarem representativos da vontade popular. Na verdade, o poderio exterior do capital internacionalizado mantém como reféns os estados e as cidades. A vontade do capital é quem controla tecnologia e produção, significações e comunicação, legislações e equivalência. Controle esse tão mais eficaz quanto mais é assumida a sua vontade pelos indivíduos e os que se fazem representá-los.

É, portanto, fundamental que os cidadãos trabalhadores, em sua luta desigual contra esse poderio que lhes é exterior, possam ampliar seu raio de discernimento político e de sua ação concreta no sentido de construir as condições para o efetivo e soberano exercício do Governo de suas cidades.

Nesse sentido, essa proposta de educação dos cidadãos trabalhadores propõe o movimento em todas as instâncias da Cultura em seus entrelaçamentos com as diversas dimensões da Cidade a fim de favorecer a expansão de sujeitos sociais trabalhadores, pensadores e cidadãos e não a reprodução de indivíduos privados e disformes.

3. O papel da tecnologia nas Escolas de Trabalhadores

Cada vez mais a tecnologia atual quer se fazer passar como sinal indefectível de progresso do homem em sua proposta de domínio sobre a “natureza”; a ordenação humana de uma natureza hostil e caótica.

Mas, junto com a estrada de ferro, os homens constroem também a possibilidade do descarrilamento; assim como criam um modelo para explicar a estrutura da matéria, criam junto à possibilidade da bomba atômica.

Cada vez ficam mais claros os desafios da tecnologia atual. Nunca se produziu tanto alimento, para uma fome tão grande. O aumento da produtividade acarreta a diminuição de postos de trabalho. Nunca se gerou tanta informação, para se produzir tamanha desinformação. Os atuais níveis de consumo dos países chamados desenvolvidos é tão exorbitante que, se levados a todos os continentes, a Terra entraria em colapso imediato.

Cada vez é menos fictícia a denúncia sobre a falência da vida no Planeta. Os sinais se espalham na terra, na água e no ar, ameaçando os encadeamentos da Vida. Poluição ambiental que se soma à poluição social, exigindo uma inversão radical das referências da revolução tecnocientífica dos últimos séculos.

No mundo do trabalho, o impacto das novas tecnologias é avassalador. Novos materiais tomam lugar de outros, mais antigos; novas máquinas tornam obsoletas não só as de um ano atrás, como também os conhecimentos e habilidades de antigos profissionais; novos desenhos e modelos organizacionais mais leves e flexíveis transformam em coisas do passado as pesadas plantas fabris do meio século XX; a micro-eletrônica produz uma

revolução global com repercussões em todos os campos de trabalho atual; a fibra ótica substitui cabos de comunicação com grau de otimização incalculável de instalação, quantidade, qualidade e simultaneidade de transmissão de sinais; ramos de profissões esvaziam-se, novos surgem; diminuem os postos de trabalho, cresce o desemprego; fomenta-se a ampliação do empresariamento individual como modo de geração de novos empregos de forma funcional ao fortalecimento do sistema como um todo.

Assim, as novas tecnologias que mudam máquinas, equipamentos e materiais não ocasionam mudanças apenas nas relações de trabalho. É também a organização de todo o espaço social que se modifica, impondo-se um novo modelo de vida e de relações sociais. É todo o universo das significações sociais que se redesenham sobre suportes de sustentação cujo controle escapa ao conjunto da sociedade: trabalho é emprego, a vida é consumo, cidade é mercado, ciência é verdade, igualdade é griffe, calçado é o tênis etc...

As Escolas de Trabalhadores têm como matéria principal de sua ação, a preparação para o trabalho nesse universo da tecnologia. Tecnologia é a instância cultural da técnica que incorporou os princípios científicos. O estudo da História do Trabalho contribui para a discussão da tecnologia, suas origens sociais e as lutas dos trabalhadores. E abre a discussão para os desafios atuais e a criação de alternativas.

Certamente, o papel da tecnologia é aquele de criar as condições para o bem viver de cada cidade, permitindo a expansão da autonomia dos sujeitos sociais conforme a proposta de cada cultura humana. Não a uniformização cultural castradora, produtora de indivíduos separados e egoístas, iguais pela aspiração do consumo.

As modernas tecnologias mudam rapidamente. Quanto a isso, as escolas de trabalhadores têm opções a fazer. Ou correr atrás dessas mudanças, para o que não haveria recursos, ou, antes, buscar o domínio dos princípios que a regem. Essa segunda opção possibilita não só o aprendizado rápido das mudanças, como também a sua crítica, a análise de seus impactos e a abertura para a criação de alternativas. Mas, mesmo para isso, exigem-se máquinas e equipamentos compatíveis.

4. Caracterização da formação política

Para as Escolas de Trabalhadores, o direito à cidadania não é um bem de nascimento, mas um direito que se adquire pela participação no Trabalho Social. O nascimento garante o direito à educação. Como abertura à participação no Trabalho Social e ao consequente exercício da cidadania. Assim, a questão política, relacionada aos conhecimentos básicos e às habilidades técnicas são questões fundamentais a serem trabalhadas.

Nesse sentido o corpo técnico docente deve estar preparado não só para construir em conjunto com os aprendizes o conhecimento e as habilidades técnicas, como para analisar os seus impactos e questionar as políticas que lhes são geradoras e decorrentes. De nada adianta um método participativo mas que não contribua ao questionamento do conhecimento construído junto. Sem dúvida, tal preparo exige uma reciclagem constante, não apenas do ponto de vista técnico e pedagógico como também de seu conteúdo político.

A questão da política refere-se ao exercício do Governo da cidade por parte dos cidadãos trabalhadores. Como avançar no Governo sobre os caminhos da técnica, dos conhecimentos e da convivência em cidades dominadas por forças exteriores que mantêm, dentro delas,

aliados poderosos? É uma busca que exige muito empenho, discernimento e autêntica solidariedade.

A formação política não pode ser encarada como um momento isolado e estanque no conjunto da escola e da sociedade; como um discurso teórico sem ressonâncias concretas. Pelo contrário, o seu lugar e hora é todo lugar e toda hora; desde junto à formação técnica, à participação na vida escolar e nos movimentos sociais. A sociedade que queremos construir antecipa-se na escola, enquanto uma possibilidade desejável e realizável, através de iniciativas de solidariedade, participação e de exercício de governo compartilhado.

Cada vez mais, à medida que a história avança, o político está impregnado no todo, até mesmo na vida íntima de cada um, e não em alguns momentos ou lugares especiais apenas. Por isso mesmo se faz importante a sua explicitação.

É importante se destacar que a técnica não é a instância separada da cultura de uma sociedade ou cidade. Por isso mesmo ela é política. A tecnologia quer se passar por uma instância superior a todas as culturas, a fim de dominá-las. Cabe a cada povo passar a dominá-la para colocá-la sob seu Governo. Esta é a perspectiva das Escolas de Trabalhadores que lutam para se tornarem Cidadãos Trabalhadores

5. Áreas de conhecimento necessárias a cidadãos trabalhadores atuantes

O conhecimento sempre foi condição ao pleno exercício da cidadania. Desde a sua primeira manifestação, aquela que a constitui – isto é, a participação no trabalho – até à participação qualificada nos debates e decisões sobre os destinos – ou no Governo – das cidades. No entanto, no mundo presente, cresce cada vez mais o volume de informações e conhecimentos que se põem como condição para esse exercício.

Este fato exige que a socialização dos cidadãos trabalhadores se constitua, além das habilidades técnicas, específicas a cada ramo profissional, de um currículo mínimo de conhecimentos que garantam a sua inserção no mundo contemporâneo, tanto do ponto de vista do exercício profissional quanto da participação democrática. Especialmente nesse momento, quando o estudo parece não ter valor porque não representa um bem mercantil de retorno imediato.

São eles:

- **Linguagens:**

matemática, informática, língua brasileira, línguas do bloco continental e expressões artísticas.

- **Estudos:**

da história dos trabalhadores, da história da ciência e da técnica, da geografia social e de antropologia.

- **Ciências:**

físicas, químicas e biológicas.

Além disso, não se pode negligenciar o campo dos debates atuais a respeito:

- **das relações sociais:**

legislação e instituições sociais, questões de classes sociais, de gênero, idade, etnias e grupos sociais diversos e relações de discriminação/ apatenação/ convivência.

- **das relações com o meio ambiente:**

o trabalho do Universo, o trabalho da Vida, a convivência da sociedade humana com a Terra viva e a sustentabilidade do Planeta.

- **das relações de cada um consigo próprio:**

as questões da personalidade/afetividade/sexualidade; a saúde e cuidados com o corpo, métodos de trabalho, de estudo e de conduta.

Todos esses campos de estudo, conhecimentos, informações e debates são desenvolvidos e vividos de forma interligada, de modo que possam ser percebidas as interconexões e complementariedades entre os diversos assuntos e âmbitos de trabalho, de conhecimento e de exercício da cidadania.

(Ver Proposta para Centro Público de Educação de Cidadãos Trabalhadores, ao final deste documento)

A questão pedagógica

Nas Escolas de Trabalhadores, a pedagogia não é vista como uma simples questão de método, mesmo porque a questão de método não é uma simples questão neutra. O modo é sempre modo de um conteúdo conforme suas cargas e tensões. A pedagogia que se volta para o tornar-se cidadão é uma pedagogia voltada para a expansão da autonomia dos sujeitos sociais: um processo, portanto, que não tem fim. Um processo pelo qual os sujeitos se dão, a cada vez, e socialmente, um novo fim.

São características desse processo:

- A valorização das experiências acumuladas que cada um traz
- A construção conjunta e intercomplementar das habilidades, conhecimentos e condutas
- A desmistificação da absolutização do conhecimento e da carga de poder que a esta se associa
- A ação ligada à reflexão e à intervenção social
- A construção da autonomia, o exercício do poder compartilhado e a invenção de novas formas de representação
- A abertura à crítica, à reciclagem e à re-invenção
- A permanente avaliação
- A responsabilização e o envolvimento dos alunos e ex-alunos em relação ao empreendimento social no qual se constitui cada uma das Escolas dos Trabalhadores

Esse processo, portanto, não se limita apenas ao aprender, como se o aprendizado conjuntamente construído fosse já o ponto de chegada. Ele se estende ao aprender a aprender, a criticar o aprendido e a se abrir para novas criações, em um processo pedagógico no qual todos são, por igual, atores e efetivamente participantes.

Para as Escolas de Trabalhadores, a questão pedagógica não se restringe à construção de habilidades profissionais e de conhecimentos desenvolvidos em oficinas, laboratórios e salas de aula. Mas, se estende a todos os espaços da vida escolar no qual se busca a gestão democrática do processo educativo, visando transbordar para a fora, para a luta pela gestão e governo do mundo social.

Por isso, a dimensão política de todos os assuntos trabalhados deve ser busca com discernimento, através de ganchos bem construídos e capazes de tornar a discussão política mais sistemática. Para isso, há necessidade de preparação e pesquisa, a fim de tornar essa discussão atraente e não um desvio ou perda de tempo em relação ao conteúdo técnico.

As exigências desse processo implicam numa equipe de trabalho coesa, crítica e disponível, e em equipamentos e instalações apropriados e compatíveis como desenvolvimento das atividades. Implica, além disso, na continuidade do trabalho após o término do curso, através de atividades e iniciativas promovidas pelos próprios ex-alunos e incentivadas pela Escola.

6. A sustentação das Escolas de Trabalhadores

A educação é um trabalho fundamental às sociedades humanas. Significa a socialização das novas gerações no modo cultural de bem viver de suas cidades e nas formas de sua reposição/recriação, tendo em vista as futuras gerações.

Nas sociedades capitalistas modernas, por se tratar de uma formação social de alta complexidade, se tornou inviável que a socialização e complementação do processo pedagógico das novas gerações caiba apenas aos familiares e à comunidade de vizinhança. Para isso se fez necessário um amplo investimento educacional, correspondente ao nível de complexificação das relações/ significações/atividades sociais.

No entanto, nessas mesmas sociedades, se ampliou o tempo de vida das pessoas, especialmente nas camadas mais favorecidas, e se condenou boa parte da população a uma vida curta e penosa. A educação dos filhos das camadas mais favorecidas é custeada pelos pais e pelo próprio estado, este por via direta ou indireta. A educação da população, mandato público do estado, é cada vez mais desleixada.

De direito, cabe ao estado a educação dos cidadãos, de todos os cidadãos, sem acepção, não só quanto às linguagens básicas como quanto às habilidades profissionais e os princípios gerais da vida social e das ciências.

Mas, ora, nem bem o estado cumpre a sua parte e ainda transferiu aos empresários a formação profissional. Esses a fazem como bem lhes interessa.

Dessa forma, cabe aos trabalhadores botarem mãos à obra se querem a educação conforme o seu interesse. E lutar para que o estado venha a promover essa educação de qualidade para os cidadãos trabalhadores. As Escolas de Trabalhadores propõem-se a se constituir em centros de excelência para experimentação e formulação de propostas para uma educação

pública de qualidade no interesse dos trabalhadores. Essas Escolas se afirmam como *Centros Públicos Não Estatais de Educação dos Cidadãos Trabalhadores*.

Mas como sustentá-las? Esta é a questão. Uma vez que educação pública não é uma atividade que possa se auto-sustentar.

Até aqui, nossas Escolas de Trabalhadores têm sobrevivido. Da solidariedade de agências de cooperação internacional. Da prestação de serviços técnicos. Da venda de alguns produtos especialmente fabricados. De convênios com órgãos públicos. Até mesmo uma delas conseguiu recuperar, de uma empresa estatal, uma parte mínima dos recursos recolhidos como um imposto para o sistema de formação profissional sob controle dos empresários. Também, entre as escolas de sindicatos, da cobrança de mensalidades módicas. As Escolas de Trabalhadores têm sobrevivido, há mais de 10, 15 e até mais de 20 anos, de uma ou de diversas dessas fontes de sustentação, conforme as possibilidades de seu campo de inserção.

Na verdade, grande parte de nossos alunos não ganham o suficiente nem para se manter, quanto mais para custear seus estudos. O que fazer?

Perspectivas:

- Continuar buscando formas de sustentação via:
 - prestação de serviços técnicos;
 - oficinas de produção capazes de repassar resultados;
 - possíveis contribuições de aprendizes e alunos;
 - convênios com órgãos públicos;
 - outras iniciativas inovadoras, tipo cooperativas de crédito ou fundos mútuos.
- Buscar a concorrência de fundos públicos, dentro do país (recursos do FAT via SINE, recuperação de impostos para a educação, verbas estaduais e municipais, etc).
- Permanecer alimentando a solidariedade e o intercâmbio com a cooperação internacional, Agências de Cooperação, ONGs, Sindicatos, Centrais Sindicais, etc.
- Manter um diálogo aberto com as centrais sindicais nacionais, especialmente com a Central Única dos Trabalhadores, buscando o seu apoio.

7. As Escolas de Trabalhadores como fermento de mudança social

As escolas que compõem o Conselho das Escolas de Trabalhadores se caracterizam por sua não adesão ao novo modelo de organização social- econômico-político excludente em curso, tenha que nome tiver: neoliberalismo, social-democracia, liberalismo social ou neo-social.

Pelo contrário, a própria existência dessas escolas implica numa proposta de inclusão social e de reconstrução de modos do bem viver nas cidades humanas. Que todos possam contribuir e serem retribuídos, de cada um conforme o que lhe foi oferecido e a cada um conforme sua retribuição. Que todos possam participar, com ampla informação e conhecimento de causa, dos debates, decisões e execução de Governo de cada cidade.

Trata-se da construção de um *socialismo para o mundo presente*. Que visa a convivência e a preservação da vida e de sua diversidade no Planeta. Que respeite e promova a diversidade cultural e a interculturalidade entre os povos e suas cidades. Que recusa o Capital em nome das Culturas Humanas. Que substitua o indivíduo privado e o monopólio dos meios de vida por sujeitos sociais que se afirmem por sua participação, a todos garantida, no trabalho cidadão. Que cria uma nova equivalência para retribuir o Trabalho e enriquecer a convivência humana entre mulheres e homens, adultos e crianças, desde que, todos, cidadãos trabalhadores.

O empresariamento é uma arte humana. A arte de compor vários fatores sociais tendo em vista um fim apenas vislumbrado. Como toda arte humana, que mereça tal nome, quando monopolizada para usufruto exclusivo, trata-se de monstruosidade. E quando, além de visar tal fim, ela produz a exclusão social, o desemprego e a fome, a xenofobia e a deterioração da sociedade humana, trata-se de insanidade.

Mas quando, além de tudo isso, essa arte do engenho humano promove a morte, a desertificação, a eliminação das camadas protetoras do planeta e a eliminação das condições de vida sobre a Terra, trata-se já de um crime inominável: o biocídio.

É de tal empreendimento maléfico que nos recusamos em participar. Pelo contrário, nos propomos a desenvolver a arte do benefício: um empreendimento da iniciativa humana e todo o seu engenho voltado à expansão da Vida e à participação de todos em seu Banquete na Terra.

Mas é exatamente quando o individualismo, esse resultado nefasto do indivíduo moderno – correspondente à sociedade de massas – mostra suas garras, é então que a solidariedade dos sujeitos sociais, fruto das lutas de resistência ao capitalismo – correspondente à expansão da autonomia pessoal/ social – pode-se fazer ouvir mais alto.

Num movimento dessa ordem é que se alinham as Escolas de Trabalhadores reunidas em Conselho.

Nesse sentido, como fermento de produção de sujeitos e agentes de mudança social em meio à massa de indivíduos, privados de si próprios, as Escolas de Trabalhadores buscam desdobrar sua ação para fora delas. Como fermento de luta nas fábricas, nos bairros, nas famílias, nos sindicatos, nas escolas, nas cidades.

Que se ampliem associações de trabalhadores nas cidades rurais, nas cidades urbanas, nas cidades da floresta: para a educação, para o trabalho, para as artes, para o conhecimento, para a sustentação, para o rompimento ao cerco mortal do individualismo. Que se renovem as instituições sindicais que, muitas vezes, acabaram envolvidas demais com a moeda corrente do capitalismo.

Que se cunhe uma nova moeda, não ancorada na real exclusão do consumo do capital internacionalizado. Mas construída da equivalência solidária de trabalhos cidadãos, contabilizada não pelos custos da fome, do desespero e do sangue, mas em conta da alegria, da solidariedade e da humanização.

CET - Conselho das Escolas de Trabalhadores¹

AST – Ação Social Técnico - do bairro de Lindéia, na grande Belo Horizonte/MG

*CADTS – Centro de Aprendizagem e Desenvolvimento Técnico Social
do bairro de São Mateus, São João de Meriti, na Baixada Fluminense/RJ*

*CEEP - Centro de Educação, Estudos e Pesquisa - do centro da grande São
Paulo/SP*

CTC - Centro de Trabalho e Cultura - do centro da grande Recife/Pe

*Colégio Graham Bell - do SINTTEL – Sindicato de Trabalhadores em Telefonia e
Telecomunicações do Rio de Janeiro/RJ*

Colégio Metalúrgico - do Sindicato dos Metalúrgicos do Rio de Janeiro/RJ

A essas escolas que assinaram a presente Plataforma em 1995, vieram se somar ao CET:

*Escola José César Mesquita, do Sindicato de Metalúrgicos de Porto Alegre (Porto
Alegre – RS)*

CPA – Centro de Profissionalização de Adolescentes (São Paulo - SP)

Centro de Educação Comunitária de São Paulo Apóstolo (São Paulo – SP)

CEDI – Comitê de Educação e Democratização da Informática (São Paulo - SP)

Centro de Capacitação Profissional Henry Ford (São Paulo – SP)

PROPOSTA PARA CENTRO PÚBLICO DE EDUCAÇÃO DE CIDADÃOS TRABALHADORES

Esquema de uma proposta para um Centro Público de Educação	TECNIA ← → LOGIA ← → NOMIA						
	C	U	L	T	U	R	A
▲ ↓ CONHECIMENTO ▲ ↓ TRABALHO ▲ ↓ CIDADANIA	E D A D I C	<ul style="list-style-type: none"> - processos mecânicos <ul style="list-style-type: none"> madeira metais plásticos vestuário alvenaria - circuitos elétricos <ul style="list-style-type: none"> eletricidade BT-AT eletrônica - processos químicos <ul style="list-style-type: none"> petróleo tinturas etc. - processos biológicos <ul style="list-style-type: none"> saúde alimentos saneamento - informações comunicacionais <ul style="list-style-type: none"> desenho gráfico áudio/vídeo telemática computadores 	<ul style="list-style-type: none"> materiais conformações ligamentos etc instalações controles manutenção elementos propriedades etc saúde 	<ul style="list-style-type: none"> hidráulica pneumática motores máquinas motores painéis outras fontes de energia 	LIN GUA GENS ES TU DOS CI ÊN CIAS	matemática lógica/informática línguas português espanhol outras história do trabalho geografia social antropologia ciências física química biologia	<u>Relações Sociais</u> - instituições sociais e legislações - questões de gênero, idade e grupos sociais diversos - discriminação/apartação/convivência <u>Relações com o meio-ambiente</u> - o trabalho do Universo - diversas formas de convivência dos homens com a Terra - desenvolvimento sustentável <u>Relações consigo próprio</u> - personalidade/afetividade/sexualidade - saúde e cuidados com o corpo - métodos de estudo, de trabalho e de conduta
		<u>Oficinas de Produção</u>		<u>Oficinas de Pesquisa</u>		<u>Oficinas de Experimentação</u>	
		<ul style="list-style-type: none"> - marcenaria - metal-mecânica - habitação - costura - eletricidade - eletrônica 	<ul style="list-style-type: none"> - saúde - cozinha - vídeo - computadores - outras 	<ul style="list-style-type: none"> - matemática/lógica - línguas: composição/expressão - história/geografia: comunicação - antropologia/educação - física - química - biologia 	<ul style="list-style-type: none"> - empresariamento - gerenciamento e administração - relações comerciais - comunicações - teatro - música - artes corporais - esportes (etc) 		
		<u>Núcleos Públicos</u>		<u>Núcleos Públicos</u>		<u>Núcleos Públicos</u>	
		<ul style="list-style-type: none"> - trabalhos de construção da cidade - rede de oficinas associadas - instituição de novos âmbitos para o exercício da construção da cidadania 		<ul style="list-style-type: none"> - seminários - bibliotecas - cursos abertos - criação de programas de informação e divulgação de conhecimentos 		<ul style="list-style-type: none"> - feiras e exposições - espetáculos/torneios - oficinas abertas - participação em debates, movimentos e ações públicas dos cidadãos 	